

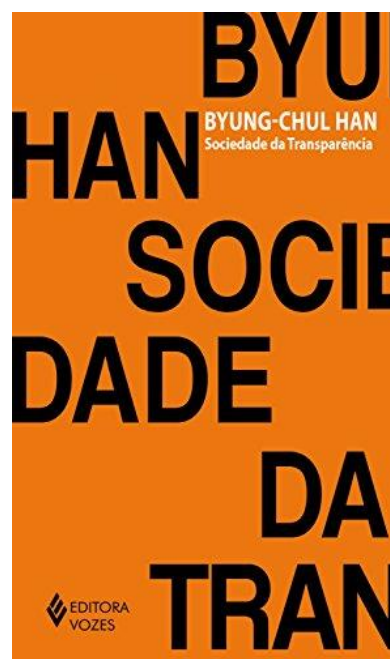
## **Sociedade da transparência de Byung-Chul Han: a pornografia enquanto conceito filosófico**

**Pâmela Bueno Costa**, Licenciada em Filosofia pela UNESPAR, Professora de Filosofia na Educação Básica da rede pública (SEED/PR), Professora do Colégio Santos Anjos (Porto União, SC), Mestranda do PROF-FILO, Mestrado Profissional em Filosofia (UNESPAR), bolsista Capes, [costapamela58@gmail.com](mailto:costapamela58@gmail.com)

**Samon Noyama**, Doutor em Filosofia (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), Professor Adjunto do curso de Filosofia (UNESPAR, campus de União da Vitória) e Professor Permanente do PROF-FILO, Mestrado Profissional em Filosofia (UNESPAR), [snoyama@gmail.com](mailto:snoyama@gmail.com)

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

*Sociedade da transparência* foi publicado na Alemanha em 2012, dois anos depois do livro mais conhecido e, por assim dizer, midiático, de Byung-Chul Han: *Sociedade do cansaço*. A semelhança dos títulos sugere a proximidade entre as abordagens e os conteúdos, algo que se percebe sem dificuldade alguma após a leitura do livro. Aliás, não apenas a proximidade, mas certa continuidade das preocupações do filósofo sul-coreano. São nove pequenos capítulos que apresentam elementos diferentes e complementares que nos guiam no sentido de compreender alguns desdobramentos da sociedade caracterizada no livro de 2010. Logo no início do livro Han parece justificar o tema do livro alegando a presença indiscutível do tema da transparência nos discursos públicos contemporâneos, que revela a transição de uma sociedade da negatividade para a positividade. Transparência e positividade, então, aparecem como sinônimos em um mundo cada vez mais inclinado a dissimular as diferenças e a alteridade. Este processo, esteticamente caracterizado pela relação imediata entre imagem e olho, possível através das superfícies sensíveis ao toque e da transformação mágica decorrente dessa tecnologia, permite Han dizer que estamos vivendo numa sociedade determinada pela tirania de uma beleza que cada vez mais se aproxima de uma estética da superfície.



A aura da obra de arte, tema caro a Walter Benjamin, desaparece por completo na contemporaneidade em função da supervalorização dos objetos a partir da sua exposição. As coisas, as pessoas, as obras de arte, enfim, qualquer coisa pode ser julgada e valorizada de acordo com a sua capacidade de exposição e de visualização. O suposto valor do culto, portanto, dá lugar ao valor de exposição. A cultura nos tempos de domínio das redes sociais aponta para uma substituição do rosto humano pela face, que é plana e rasa, características que sugerem a ausência da aura e a imanência do igual. É partir deste ponto que Han vai analisar a fotografia atual como ápice de uma cultura sem negatividade e, já que cada um é responsável pela exposição da própria imagem, são os próprios indivíduos que sustentam uma lógica da performance.

Não há mais condições de existência ou de habitação, apenas de exposição, de *performance*. Segundo Han, essa transformação conduz nossa visão de mundo a confundir beleza aparente com prazer, e isso tem efeitos devastadores na nossa sexualidade, na saúde física e mental e, no tocante à questão filosófica-estética por excelência, na nossa sensibilidade. É nesse sentido que ele afirma que a “absolutização do valor expositivo se expressa como tirania da visibilidade” (2017, p.35). O privilégio absoluto da visão atrofia os demais sentidos e, para fazer uma referência ao processo denunciado em *Agonia de Eros*, contribui para a eliminação das diferenças e das distâncias.

Aliás, esse tema discutido alhures é retomado no terceiro capítulo. O fetiche a fantasia enquanto categorias filosóficas são imprescindíveis para se pensar as exigências econômicas que o sistema capitalista no impõe. O jogo, a oscilação, o binômio revelar-ocultar, enfim, os mais conhecidos sinônimos de movimento e deslocamento são colocados em cheque por uma cultura que, hoje, nos oferece de forma inegociável a lógica da transparência como substituta da sedução: o declínio de Eros dá lugar à pornografia como elemento que caracteriza o cidadão contemporâneo duplamente: na sua esfera desejante e na sua atuação política.

No quarto capítulo Han permanece discutindo na perspectiva benjaminiana em torno da fotografia enquanto paradigma e convida mais um pensador para conversar sobre a questão: é a partir da noção de nudez, construída por Giorgio Agamben em livro homônimo que o filósofo coreano passa a tratar a sociedade pornográfica. E aqui, até mais do que em outros momentos, ele sugere que podemos pensar a pornografia a partir de questões legítimas da filosofia. Contudo, não concorda com a perspectiva em que o filósofo italiano, de certa forma, cria uma expectativa interessante e quase criadora da nudez. Mesmo que se esforce para desviar-se do fulcro teológico da sua reflexão, Agamben não enfrenta o que parece ser, para o coreano, o maior delito da noção de nudez, qual seja, o fato de que toda exposição já é necessariamente pornográfica, intensificada pelo capitalismo. Para Han, Agamben não observa a diferença essencial que há entre o erótico e o pornográfico. Diferença esta que, em sua concepção, é fundamental para definir a pornografia como a exposição exacerbada, a busca obsessiva pela transparência e pelo suposto prazer que ela pode oferecer.

Ao comparar as ciências exatas e as humanas, mais precisamente o cálculo e o pensamento, Han aponta para mais um elemento constitutivo dos excessos da vida contemporânea que aumentam a complexidade da condição atual da vida humana: a aceleração. A igualdade promovida pelo cálculo, vulgarmente falando, permite que a velocidade se apresente como um fator decisivo para debater a questão da temporalidade, dos movimentos e da construção das narrativas possíveis a partir das condições estabelecidas nesses termos. Ele parece bastante pessimista quanto à possibilidade de movimentos revolucionários e a elaboração de narrativas que resgatem a memória, a história, os significados, os rastros e marcações. Isso tudo conduz a um vazio perturbador.

No capítulo sexto, ele apresenta a ideia de que o valor do culto é substituído pelo valor da exposição, assim como a sociedade da transparência, onde o capitalismo neoliberal transformou tudo em mercadorias – *commodities*, a sociedade da intimidade – um palco onde os sujeitos são narcisistas, a intimidade vira também mercadoria, ou seja, pornografia. A intimidade transparece em si mesmo. A distância é anulada, tudo está desnudado e desvelado, pois, tudo está próximo, facilitado, com simples deslizar de dedo na tela do aparelho celular, por exemplo, tem acesso a uma transferência bancária ou o pagamento da conta de luz. O século XVIII é marcado, em suas palavras, por “*um theatrum mundi*”, como se tudo tivesse se tornado um grande palco cênico. Isso possibilita a distância cênica, portanto, a um impedimento, isto é, do contato imediato entre os corpos e alma, renunciando à distância teatral em favor da intimidade.

Han utiliza-se da concepção filosófica de Richard Sennet, segundo a tese que a modernidade não é mero teatro de representação, mas, sim, um mercado, uma vitrine onde se expõe, se vende e se consome intimidades, isto é, vivemos em uma sociedade de exposição, e essa exposição é pornográfica. Nos espaços sociais, principalmente nas redes de relacionamentos, constroem-se espaços de proximidade, onde se elimina o fora, o outro, aniquilação da alteridade. Podemos citar a música de Caetano “*Sampa*” quando afirma em uma frase: Narciso acha feio o que não é espelho, ou seja, o que não reflete o igual é anulado. Nas redes sociais podemos observar que há um desejo por reflexo, e esse reflexo é de si mesmo, o outro, o negativo, não é desejo do sujeito narcísico. Podemos dizer que a intimidade, como afirma o filósofo coreano, psicologiza e personaliza tudo, desde os espaços públicos, e principalmente os políticos. As figuras políticas não são avaliadas por suas ações, mas, sim pela sua imagem, ou seja, pela pessoa pública que expõe em suas redes de relacionamento. Cabe destacar, que *peessoa* vem do latim, *personare*, “soar através” e significa máscara, assim, o autor desenvolve sua tese afirmando que a sociedade da transparência, é revelação e desnudamento, portanto, trabalha contra qualquer forma de máscara e toda aparência. Os véus e as máscaras se desvelam e a verdade está revelada.

Não existem mais rituais. E o que temos nesta sociedade desritualizada é uma transparência pornográfica que anula a distância. Sennet afirma que: “o narcisista não está propenso a fazer experiências, mas quer vivenciar; em tudo que lhe vem ao encontro ele busca vivenciar a si mesmo” (HAN, 2017, p. 84). E, assim, o ser narcisista tornado depressivo, engole a si mesmo em sua intimidade ilimitada. Ainda, nesse modelo de sociedade, a informação também virou mercadoria, e há uma dificuldade de transformá-la em conhecimento, pois, está privada de toda a negatividade. Com isso não padece apenas de verdade, mas ainda com a falta de aparência.

No decorrer do texto, o filósofo recupera a *alegoria da caverna* de Platão, para pensar a sociedade da transparência, afirmando que pode ser compreendida como um grande palco de teatro. Os prisioneiros da caverna estão presos como espectadores de teatro diante do palco, nesse horizonte de reflexão, afirma a falta de luz divina (sol), pois, o transparente é opaco e não transcende a *aletheia* (HAN, 2017, p. 87.). No mundo “construído” por Platão todas as coisas estão encadeadas. As representações miméticas são aniquiladas, pois a sociedade da transparência é uma sociedade sem poetas, sem sedução e sem metamorfose (HAN, 2017, p. 91). Tendo a opacidade como uma de suas características, pois, é o poeta que produz ilusões cênicas, aparência e rituais, a lógica muda para deixar tudo homogeneizado e positivado, de modo operacionalizante, portanto, a massa de informação é apenas um enchimento, não traz luz à escuridão. Apenas informação, e o acúmulo de informação que torna a sociedade positiva, aniquilando a alteridade, isto é, o outro.

Partindo de análises sobre o século XVIII, Han coloca em questão as concepções de Rousseau na sua obra *As confissões*. Grosso modo, Rousseau aborda a problematização sobre verdade e confissão, partindo de uma premissa do mito do *bom selvagem* e o coração de cristal, ou seja, “seu coração transparente como um cristal, não pode esconder nada do que nele passa” (HAN, 2017, p. 98), portanto, exige-se uma abertura do coração, que pode ser entendida como uma ditadura do coração, exigindo transparência. Ainda no século das luzes, a sociedade é entendida por Han como um teatro repleto de cenas, máscaras e figuras, nem as vestimentas eram separadas dos palcos, faziam parte do convívio diário as vestimentas teatrais, como também as máscaras e os penteados. Rousseau é contrário à arte teatral, pois acredita que em palco a dissimulação da aparência e da sedução, elimina a transparência dos sujeitos, pois não se pode ter apenas uma pose ou cena, mas, sim a transparência do coração, pois isso é contrário a arte mimética. Assim como Platão, afirmava a proibição da mimética e da arte teatral no seu ideal de Estado. À favor da transparência, afirma que uma moralidade exposta deve ser o ideal para uma sociedade, onde todos possam vigiar uns aos outros, transformando assim em uma sociedade de controle e vigilância total; e, por isso, preferia cidades menores. Um exemplo é ter como modelo os romanos que edificam casa ‘transparentes’ e podem ser observados por todos, mantendo uma doutrina de costumes.

O que fica evidente na sociedade transparente é que o *vento digital* da era da comunicação e informação não têm um imperativo moral, e ainda de certa maneira, é desprovida de coração, pois, o seu propósito não é acentuar uma moral do coração como desejava Rousseau, mas sim maximizar os lucros e ainda chamar a atenção. Vivemos em uma sociedade do controle? Muito mais que controle é uma sociedade do cansaço e desempenho, no entanto, segundo Han, não vivemos o fim do panóptico, desenvolvido por Jeremy Bentham, mas, sim, uma nova forma, chamada por ele de *aperspectivístico*, isto é, a vigilância, nesse modelo não é realizada por um centro, mas por todos. Não há um olho central que vigia tudo, como nos presídios, hospitais e escolas. O problema do aperspectivismo consiste em os indivíduos acreditar que são livres. Todavia, não há um bloqueio de comunicação entre os sujeitos, pelo contrário, eles estão de forma ininterrupta conectados com uma hipercomunicação. E exibem-se em vitrines por livre vontade, expondo-se ao mercado do panóptico, onde todos controlam todos, senhores e escravos de si mesmo.

Há ainda que destacar que a autoexploração se torna mais eficiente. E em todas as esferas da sociedade não existe mais o culto e o mistério, apenas a exposição. Uma sociedade onde impera a desconfiança, tudo é instável e não duradouro, imperando dessa forma, a suspeita (*verdacht*). Portanto, não há apenas uma central que vigia, mas, sim, o globo como um todo se torna o único vigilante, isto é, o panóptico. As redes sociais, como o *facebook*, *instagram* e o próprio *google*, adotam medidas panópticas, que estimulam a exposição livremente, o que permite Han falar em uma dialética da liberdade que se apresenta como controle. Por fim, podemos afirmar que as reflexões do pensador coreano são fundamentais para entender as mazelas do século XXI, seja no campo filosófico, político ou sociológico, pois nos coloca numa desconfortável situação de precisar se reconhecer nesse contexto como colaborador de um sistema pernicioso, de subjugação do homem, de um sem número de artimanhas que se desdobram em ofertas sedutoras e atraentes com o intuito de submeter todos nós a um regime que se mostra, em todas as suas esferas, lamentável e desolador, numa palavra, antifilosófico.

## Referências:

*Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v.16, n.2, supl., 148-152, abr./jun, 2018.*

- AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- HAN, Byung-Chul. **A agonia de Eros**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.